

STARCRRAFT

Estamos em guerra

De James Waugh

BILZARD
ENTERTAINMENT

Os zergnídeos pegaram Irmscher na Batalha de Lawndale 12, uma investida a um fim de mundo durante a Guerra das Castas sobre a qual ninguém fala nos livros de história.

Irmscher era só um garoto, recém-saído do ensino médio, de rostinho de bebê e cheio de energia, o tipo que não dura muito entre os Fuzileiros da Supremacia. Aos 18 anos, sem perspectivas de vida reais, ele ia de porta em porta vendendo telefones piratas para juntar dinheiro suficiente para sair com garotas e pagar o aluguel. Um dia, bateu à porta do sargento Robert Maury, um recrutador da Supremacia que não estava nem um pouco interessado nos badulaques de Irm. Três dias depois, o rapaz estava a caminho de Turaxis II em um módulo de transporte para começar o treinamento, enchendo a cabeça de histórias sobre combate heroico, viagens de recreação lendárias e a glória das medalhas. Mas lutar contra zergs não era exatamente a carreira de prestígio de que lhe falavam. Não havia nada de glorioso em ver homens (embora em geral fossem apenas garotos) sendo esfaqueados à sua frente, rasgados selvagememente por monstros, com sangue esguichando da boca e enchendo os capacetes CMC como num misturador de drinques macabro.

À noite, quando todo o Esquadrão Rho estava reunido no interior úmido de uma caserna improvisada, ele mostrava aos rapazes uma foto em seu telefone pirata, da "garota que vai ser minha quando a guerra acabar". Era uma loira bonita com cabelo cacheado no estilo da elite de Marlowe. Seu nome era Mary Lou, e ele a conhecera alguns dias antes de encontrar o Sgto. Maury.

— Cacete... isso aí não é pro teu bico, moleque. Isso aí é coisa fina — Birch, um soldado mais velho, provocava. — É melhor ela ficar com o garanhão aqui.

Eles tinham se conhecido em um dos bares de tráfico de esteroides, que eram ilegais — a menos que você fosse rico o suficiente para ter um ou conhecesse as pessoas certas para deixá-lo entrar. Foi uma noite tórrida, da qual ele só se lembrava em flashbacks cheios de adrenalina—dançar, rir, tomar doses de Scotty Bolger's. Ele disse que tinham se beijado. Pelo menos achava que tinham. Esperava que sim. Conseguira o contato dela depois, e desde então vinham trocando mensagens interplanetárias a preços exorbitantes. À medida que as semanas passavam e ele gastava mais tempo nas linhas de frente, encarando a morte, ela ia se tornando mais que uma garota para ele. Ela se tornou uma ideia. Uma ideia que representava o tempo em que ele não passava os dias na pesada armadura CMC, espremido junto com um grupo de fuzileiros mais velhos que estavam mais para irmãos e o provocavam a respeito de tudo o que saía de sua boca "ingênua" — Irm ansiava pelos dias quando não seria mais "o guri". A imagem da moça fazia com que ele se lembrasse de uma época em que ainda não tinha ouvido o som de um enxame de zergnídeos avançando em sua direção, em que ainda não conhecia a sensação de ter certeza de que haveria violência e sangue e morte. Saber aquele tipo de coisa mudava um homem. — Você vai ver — dizia ele, com o sorriso sonhador dos ignorantes, olhando para a foto, se perdendo em seu potencial. — É, você vai ver só.

O dia em que os zergnídeos pegaram Irmscher não foi tão diferente de outros incontáveis dias de guerra. A maior parte do tempo era gasta esperando. Esperando sem fazer nada e escutando o vento uivar e sumir em um silêncio mortífero. Era uma quietude prenhe de possibilidades sombrias.

O Esquadrão Rho tinha sido designado para defender posição em Lawndale 12, um posto de comunicações na península sul de Anselm. Ele cavava trincheiras profundas ao redor do sistema de

satélites uma semana antes, construíra casamatas e posicionara dois tanques de cerco no perímetro. Uma base fora estabelecida para receber dados e repassá-los às frotas avançadas do setor. Um quartel também fora construído, mas o Esquadrão Rho não passava muito tempo nele. Segundos preciosos passados fora do campo de batalha podiam significar a morte em um ataque, de forma que as desconfortáveis trincheiras sujas se tornaram o seu lar.

Ninguém acreditava que os zergs atacariam Lawndale de verdade. O valor estratégico do lugar na escala maior da guerra era insignificante. Assim, quando o alarme cortou o silêncio e Virgil Caine, sargento do Esquadrão Rho, começou a bradar ordens, seus soldados puseram-se de pé e se prepararam para o pior. Mas não era o pior. Era suicídio para os zergnídeos. Não havia motivo para aquilo. As feras estavam em menor número e não tinham poder de combate suficiente. Mas os alienígenas imbecis ainda assim vinham com tudo.

Dava para ouvi-los muito antes de chegarem, a metros de distância, e o zumbido áspero que produziam irritava os ouvidos.

— Por que eles ficam vindo? O que será que eles querem? — Irmscher podia vê-los agora, vinte zergnídeos babando, arreganhando os dentes, de garras prontas, a horrenda saliva pingando das bocarras, pernas fortes impulsionando-os. Eles pareciam cães raivosos mutantes, soltos por um mestre cruel. Irmscher jamais obteria respostas para suas perguntas. O som de agulhas hipersônicas encheu o ar, e não havia mais tempo para pensar. Só havia a ação.

Os zergnídeos estavam em menor número, mas não importava; era como se a morte de um terrano valesse dez vezes mais que a morte de um zerg. O Esquadrão Rho rapidamente compreendeu que o comando tomara uma decisão errada ao ordenar que as trincheiras fossem cavadas. Vários zergnídeos entraram rastejando nos espaços apertados e, devido ao tamanho da armadura CMC, muitos soldados do Esquadrão Rho ficaram entalados com os alienígenas, e o fogo amigo se espalhou em meio ao caos, perfurando as paredes de barro improvisadas.

Irmscher gritou quando os zergnídeos o pegaram. Ele uivou quando uma garra afiada feito navalha cortou seu visor, penetrando sua clavícula, seguida por outra, que abriu sua armadura como se fosse uma lata de sardinhas.

Ainda estava vivo quando o último dos cretinos foi morto. Ainda se perguntava por que eles atacaram se não tinham nenhuma chance de sobrevivência. Ele se perguntava por que tinham vindo matar tão poucos, por que tinham vindo matá-lo. Ao apagar, sentindo os esteroides pulsando nas veias, o coração desacelerando suavemente e os dispositivos de segurança da armadura trabalhando para fechar artérias abertas, ouvindo Birch acalantar seu corpo sob o olhar do sgt. Caine, Irmscher sussurrou: "Mary Lou".

Virgil Caine gritou para a escuridão. Durante a noite, ele encharcara o cobertor de suor e agora sentia frio por ter chutado as cobertas para longe do corpo nu.

— Virgil! — disse Rufi, agarrando seu braço e puxando-o de volta para a maciez dos travesseiros e de seus lábios. — Você está aqui, amor. Você está comigo. — Ela se aninhou ao ombro forte, os delicados

cabelos loiros feito seda contra as pedras que eram os músculos dele. Virgil respirava sofregamente, quase arquejando. O peito subia e descia, e o coração batia acelerado.

— Diabo. Eu... desculpe, Ru... eu...

— Shhh. Quietos, amor. Eu sei. Eu sei.

Ao longo do ano em que começaram a flertar, ela tinha se acostumado com seus terrores noturnos... suas lembranças. Quando ficaram noivos, ela se comprometera a viver com aquilo. Acostumara-se a acordá-lo, enxugando as lágrimas de seu rosto, olhando para a terna incongruência de um homem daquele tamanho, tão forte, chorando enquanto dormia. Era só mais uma coisa que fazia com que ela o amasse.

— É só que... os sonhos voltaram, amor. Não posso acreditar nisso. Eu sempre soube, mas... eu esperava que não, sabe?

E eu também, pensou ela. — Você não vai atender ao realistamento, Virgil. Você não precisa voltar. Eu falei para você. A gente decidiu: papai vai dar um jeito nisso. Vamos começar de novo. Ninguém vai saber quem é você. Ninguém precisa saber onde você esteve. Amanhã à noite, todas essas preocupações vão ficar para trás.

Ele pensou um pouco naquelas palavras antes de responder. Pensou na possibilidade de não ser o homem que enfrentara os zergs na Guerra de Castas, o homem que defendera sua posição contra onda após onda de zergnídeos durante aqueles longos meses e sobrevivera. Não sabia quem era sem aquela parte de sua vida, e a ideia de descobrir aquilo era uma das sensações mais aterrorizantes que já experimentara.

— Eu sei, Ru. Eu sei. Mas parte de mim... eu nunca fui de fugir.

— Você não está fugindo. Cacete, Mengsk já sugou o melhor de você. Agora ele tem soldados novos pra cuidar disso. O que ele já fez por você, afinal? Por nós? Papai pagou as suas cirurgias, não a Supremacia. Você pagou sua dívida e sabe disso. Quantas vezes você quase morreu, Virgil? Quantos amigos você perdeu?

— Eu não quero mais falar disso. — Ele estava pensando no relatório da UNN que vira antes de dormir. Nas imagens *deles*, uma horda inteira varrendo Tiria, sobrepujando linhas de soldados. Nos dentes e garras e no horrível zumbido harmônico que eles faziam ao avançar.

— O realistamento não é justo, Virgil. Não é. Você saiu do exército. Eles não têm o direito de chamar você de volta por causa de uma nova ameaça. Você estava lá há quatro anos. Deixe que outra pessoa cuide disso.

— Eu disse que não vou voltar, Ruffi... e não vou.

Ele se inclinou e beijou a testa dela, como sempre fazia todas as noites quando desligavam as luzes para dormir. Puxou seu corpo pequeno para perto, e seu calor e maciez eram bons. Quando se separaram,

ela passou o dedo pela grande cicatriz retorcida que descia do pescoço dele até o umbigo e depois tocou o dente de zergnídeo que ele usava no pescoço preso a uma tira de couro de skalet.

— Eu odeio isso. Você sabe que odeio quando você traz esse negócio pra cama. Machuca... Tira. Ele sorriu. — Tudo bem. Eu vou tirar. — E assim o fez, deixando o item no criado mudo.

— Amanhã, nós vamos embora... e tudo isso vai ficar para trás. Além disso, eu também estou fazendo sacrifícios, Virgil. Vou ter que recomeçar do zero também. Deixar meus amigos, minha família. O papai.

— Eu sei.

— Agora vá dormir, grandalhão!

Depois que ela virou para o lado, Virgil ficou encarando o ventilador do teto. Ele girava e girava, lançando sombras afiadas contra as paredes escuras iluminadas apenas pela luz da lua amarela lá fora. Pensou sobre a nova vida que Rufi lhe oferecia. Salvação de tudo o que enfrentara. Ele se perguntou se, tendo enfrentado os zergs, perdido amigos para os zergnídeos e olhado nos olhos sinistros e vazios daquelas feras, conseguiria expulsá-los algum dia dos recessos de sua mente.

As notícias da UNN eram horríveis de assistir, mas ele não conseguia parar. Já estava de pé desde o nascer do Sol, grudado à tela e bebendo café requentado. Ele já havia bebido quase uma jarra inteira, quando Rudi entrou na cozinha.

— Por que você está assistindo isso, Virgil?

— Você não quer saber o que anda acontecendo por aí? A gente tem que ver até se ainda tem ônibus espacial funcionando. Não se esqueça de que estamos em guerra, querida.

A tela mostrava imagens daquela guerra. A carnificina causada por um cruzador de batalha se espatifando contra um arranha-céu enquanto mutaliscas mergulhavam enxameando a nave, cuspidando projéteis na carcaça flamejante. Tiras de texto deslizavam no fundo da tela. Nenhuma das palavras era positiva; todas falavam de baixas acachapantes, mundos sitiados, mortes e mais mortes. Sem dúvida estava havendo uma guerra.

— Meu Deus. — Rufi cobriu a boca com as mãos. Mesmo de manhã, com os cabelos desalinhados e a maquiagem borrada, ela era uma criatura de beleza frágil e delicada. — É horrível.

— Com certeza, querida.

— Eu vou ligar pro papai. Ele disse que os documentos falsos vão ficar prontos à tarde.

— Seu pai está assumindo um grande risco. Sinecuras governamentais feito a dele não se arranjam todo dia.

— Você não acha que a filha e o futuro sogro dele valem o risco?

Ele assentiu, voltando-se para a tela. Um repórter corria por um beco gritando, filmado por uma robocâmera.

— Ah, caceete...! — Virgil os viu dobrando a esquina e avançando a toda a velocidade em direção ao repórter e à robocâmera. Os zergnídeos eram inúmeros: longas garras avançando e cortando, carapaças estalando ao bater contra as paredes estreitas, olhos fixos, sem sentimentos. Mais perto. MAIS PERTO. A cena foi interrompida e Donny Vermillion, o mais famoso âncora da UNN, apareceu na sala de transmissão da estação, bem antes que os zergnídeos ocupassem toda a tela. Ele estava pálido feito um fantasma e não conseguia esconder muito bem o abalo que sentira ao presenciar a morte brutal do colega.

— Ele...?

— Sim. — Virgil foi factual, interrompendo Rufi antes que ela pudesse perguntar o óbvio. — Você vai ligar pro seu pai?

— S-sim... — respondeu ela, saindo da cozinha.

Virgil tomou um gole de café e sua mente revisitou a cena dos zergnídeos aglomerados, abrindo caminho pelo beco. Ela o fazia pensar nas trincheiras, muito tempo atrás. Ele deu um longo suspiro, deixando todo o ar sair dos pulmões antes de fechar os olhos. Estavam em guerra.

Os zergnídeos pegaram Albee nos desfiladeiros Longa Sombra de Astéria durante um dos famosos pores-do-sol cor de açafrão.

Albee era um ressocializado, grande e burro, com o sorriso extático que só aparecia no rosto daqueles que tinham suas memórias revisadas e substituídas. Mas aquilo não incomodava nem Virgil nem Birch nem Dave, nem o resto do Esquadrão Rho. Para um ressocializado, ele não era tão ruim. Era um tremendo soldado, inacreditavelmente sortudo. Como a maioria dos ressocializados, ele fazia parte da linha de frente, enviado para o meio dos zergs para encarar seu ataque inicial. Participara de mais surtidas em quatro anos de serviço (primeiro nos Fuzileiros Confederados, depois nos Fuzileiros da Supremacia) do que a maioria dos soldados numa vida inteira... e, de alguma forma, ele sempre saía vivo das linhas de frente, gosma zerg em sua armadura e um sorriso bobo no rosto.

Durante as folgas, Albee falava de sua infância no interior de Halcyon, no primeiro continente. Ele rememorava as belas colinas verdejantes cobertas de grama alta que se espraiavam pelo que parecia ser uma eternidade sob céus azuis e nuvens fofas. Falava da ninhada de cãesinhos que o seguia para onde quer que ele fosse, com as caudas abanando, e de como ele gostava de sentir suas linguinhas mornas lambendo seu rosto feito lixa em tardes preguiçosas, seguros à sombra de uma frondosa figueira-de-bengala. Tinha sido uma infância idílica, da qual ele sentia falta. Era por ela que ele lutava, para que outros pudessem ter momentos como os que ele recordava, para que a humanidade resistisse contra zergs e protoss e qualquer outro inimigo que aparecesse.

Claro, eram memórias falsas, implantadas em uma câmara de ressocialização em Norris IV. Todos no Esquadrão Rho a conheciam e já tinham ouvido as mesmas memórias forjadas de outros ressocializados.

Mas ninguém da Rho jamais diria algo ruim sobre o gigante gentil e seu passado ilusório. De folga na lua Baco, no bar Casa das Gatas, um dos recrutas do Esquadrão Alfa, que tinha bebido além da conta, tentou alertar Albee de que se tratavam de memórias falsas. Ele logo levou um soco no estômago de Virgil que resultou em uma briga de bar entre os soldados. Virgil queria que Albee tivesse suas memórias, falsas ou não. Que elas fossem o alívio do brutamontes contra os horrores cotidianos do campo de batalha. Ninguém iria desmenti-las.

Nas ruas de Nephor II, Caine e Albee encontraram uma mulher que, ao ver o grande soldado ressocializado, começou a gritar e apontar para ele. — O Açougueiro! Meu Deus, ele é o Açougueiro de Altafonte! Aqui?! Detenham ele! Alguém tem que para o açougueiro! — Ela logo foi escoltada para longe dali pelas autoridades locais. Nem Caine nem Albee sabiam o que causara o episódio.

Semanas depois, o incidente ainda era uma pulga atrás da orelha de Caine, e ele fez uma pesquisa sobre seu camarada sortudo das linhas de frente. Foi então que descobriu algumas coisas que seria melhor permanecerem ocultas a respeito dos soldados ressocializados. Albee, que falava da alegria de brincar com filhotes, da beleza de colinas que se estendiam ao infinito, também era conhecido como o "Açougueiro de Altafonte" por uma série de assassinatos que durara dez anos nos cortiços da capital. Sabia-se que ele torturava as vítimas para apreciar o som de seus gritos de dor, mantendo-as vivos por dias. As imagens que acompanhavam as histórias eram horríveis, e Caine compreendeu de onde vinha a selvageria que possuía Albee no campo de batalha. Mas sempre que os olhos de Albee perdiam o foco, extáticos, quando ele falava do pelo bege macio dos filhotes, dos dentinhos raspando em seu braço e dos focinhos úmidos fazendo-o se arrepiar, Caine pensava no quão bem-sucedido era o programa de ressocialização—redimindo até os piores entre nós.

Quando os zergnídeos o pegaram, Albee estava metido até os joelhos em gosma roxa. O Esquadrão Rho marchara até o desfiladeiro da Longa Sombra com um contingente de morcegos de fogo, apoiados pela artilharia pesada de tanques de cerco e golias. Eles tinham ido até lá "fazer uma limpeza", nas palavras de Caine. A infestação zerg fora empurrada até o interior do desfiladeiro, para um aglomerado de colmeias. Enquanto uma colmeia sobrevivesse em Astéria, os zergs jamais parariam de atacar. A incursão fora um grande sucesso. Cadáveres queimados de hidraliscas estavam afundados na gosma, e os fossos de desova estavam repletos de carcaças de larvas. Incubadoras e outras estruturas se esfacelavam em fragmentos de bioplasma.

O atropelar grave do bombardeio dos tanques de cerco sacudiu o traje CMC de Albee. Como sempre, ele liderava o ataque na linha de frente, avançando para dentro do aglomerado de colmeias. Não parecia que havia muito mais zergs de pé, pois a maioria fora triturada pelas salvas de disparos dos canhões automáticos dos golias. Albee achou que não havia muito com que se preocupar ao baixar o rifle gauss para admirar a carnificina que ele e seus rapazes haviam cometido. Era uma visão gloriosa para um terrano admirar. As entidades vivas que as estruturas zergs eram agora se encontravam rasgadas, em pedaços, caídas umas sobre as outras, com veias pulsando espasmodicamente e esguichando gosma sangrenta pelo chão. Era a vitória. Albee sentia um certo orgulho.

Os zergnídeos irromperam de um fosso de desova próximo com uma cacofonia de gritos raivosos e, em sua maior parte, inaudíveis. Albee não os viu; ninguém viu. A luz dourada dos famosos pores-do-sol do lugar tinham banhado tudo em luz sépia, e as famosas sombras longas marcavam a gosma com grandes extensões de escuridão. O momento devia parecer familiar ao recruta sortudo. Era como se as partículas

de poeira dançando na luz o fizessem pensar nas folhas de primavera revoando na brisa de sua juventude forjada.

Albee não soube o que o atingiu ao cair de cara na gosma. Zergnídeos se empilharam em cima dele, furando e cortando, fatiando e rasgando, como animais selvagens atrás de comida, disputando posições como se sentissem prazer ao permitir que todos da matilha enfiassem as garras na carnificina abaixo deles.

Quando a batalha terminou, não havia mais nada do Açougueiro de Altafonte. Ele não passava de uma mancha de Rorschach contra a gosma violeta, nada além de uma lembrança gravada permanentemente na memória dos que tinham servido ao seu lado.

— Você pode ter uma fazenda. Shiloh tem programas de agricultura ótimos — disse Rufi, colocando uma blusa cor de lavanda em sua bolsa.

— A gente vai virar fazendeiro agora?

— Ué, por que não? — Sua risada era musical. — Parece uma boa vida... você não acha?

Virgil abriu o guarda-roupas e puxou uma camiseta. Ela esperava uma resposta. Lentamente, ele tirou o cabide do colarinho, jogou-o descuidado e colocou a camiseta na bolsa.

— E então?

O sorriso charmoso que fizera com que ela se sentisse atraída quando o conheceu — apesar das cicatrizes e de sua postura estoica — apareceu em seu rosto. — Parece divertido... é um trabalho honesto... você vai ser minha fazendeirinha?

— Ora, pode apostar. Pense só, Virgil: espaço aberto, plantar nossa própria comida. Nossos filhos... se tivermos filhos... bom, nossos filhos poderiam crescer no ar puro, numa terra boa.

— Você acha que temos créditos o suficiente para comprar muita terra?

— As coisas são baratas em Shiloh.

— Pode apostar que são. Por que será? — Não era uma pergunta. Era uma declaração.

O sorriso radiante tornou-se uma careta. — Por que você disse isso? Eu... eu estou me esforçando aqui, Virgil. Eu estou tentando mesmo.

Ele foi até ela e a trouxe para junto de si. Rufi tentou se afastar, mas Virgil a puxou com mais força. — Escute aqui, mocinha. Eu vou ser seu maridão fazendeiro, e a gente vai ter os filhos de que você vive falando e uma vida simples também. A gente vai saber o nome de todos os vizinhos e...

—... E nunca mais vamos falar de zergnídeos nem do Esquadrão Rho de novo?

Ele a apertou forte. — Ora, por que *você* disse isso? Os Fuzileiros sempre vão estar comigo, Ru. Próximos como eles haviam ficado um do outro no último ano, ainda assim sempre haveria uma distância entre eles. Ela jamais conseguiria entender o que ele vivenciara.

— Daí a deixar que eles mandem na sua vida é outra coisa... — disse ela.

— Eu não deixo.

Ela o olhou nos olhos. Seu sorriso voltou, tomando todo o seu rosto como um balão cheio de hélio. — Eu vou ser mulher de fazendeiro.

Ele a beijou suavemente. — Eu fico muito agradecido por essa chance de recomeçar. De verdade.

— Opa! Tenho que ir. As identidades já devem estar prontas. E o senhor tem que esvaziar o armário e arrumar as malas antes de eu voltar.

Virgil a soltou e foi até o armário. Acendeu a luz e se ajoelhou. Ergueu uma pilha de camisetas. Sob elas, uma caixa lacrada e empoeirada.

— Você não vai levar isso, Virg.

— Eu sei.

— É pra jogar fora o que tem dentro dela também, viu? Não é para ter provas de quem a gente era. Você ouviu o papai.

— Eu sei.

— Eu sei que não é fácil.

— Não é.

Quando ela partiu, ele se voltou para a caixa e a abriu. Memórias irromperam do interior mofado e úmido. Não abria aquela caixa fazia anos. Medalhas das quais ele outrora tanto se orgulhara, agora empoeiradas e escondidas; um charuto ressequido; uma bala hipersônica; um dos fones piratas de Irmscher. Então ele sentiu algo grudento. Sua reação inicial foi retirar a mão rapidamente. *Gosma!* Mas claro que não era gosma. Ele se lembrou aos poucos.

— Dave. — O nome veio num sopro pesado, e Virgil pegou o item que encontrara. Um pedaço usado de parafina azul... parafina de motoprancha. Virgil levou o pedaço de parafina ao nariz e inspirou profundamente. O cheiro amendoado e rico o levou de volta à época da qual ele tentava escapar.

Os zergnídeos pegaram Dave na cama, dormindo após uma noitada de pôquer e bebida. Às vezes era assim.

Dave "Cabuloso" veio da Ilha Santori, em Miranar. Era membro do Sexteto Maledeto, um clube de motoprancha famoso por surfar as ondas do tamanho de montanhas que pulverizavam a costa de Santori. As mesmas ondas responsáveis pela energia hidrelétrica que alimentava aquele planeta. Os cientistas diziam que as ondas enormes eram resultado da atração gravitacional das três luas, um perfeito alinhamento natural; as chances de aquilo acontecer em outro lugar eram diminutas.

O Sexteto Maledeto costumava seguir os padrões de tempo sazonais do planeta, indo até o continente-ilha durante o inverno, quando os padrões se intensificavam. As ondas ficavam enormes na época, cristas de 30 a 60 metros de altura espumando do abismo como arautos da destruição. As cidades que salpicavam a costa ficavam lotadas de motosurfistas de todo o sistema, e os hospitais e necrotérios se enchiam de corpos de amadores. Fora um desses amadores que levara Dave aos Fuzileiros.

— Se não fossem aqueles haoles, eu não estaria aqui com vocês — dizia a Virgil, ou a Birch, ou a qualquer membro do Esquadrão Rho que se dispusesse a ouvir. — Sorte de vocês que eu tenho o pavio curto.

Os Fuzileiros da Supremacia tinham uma presença recrutadora forte nos sistemas carcerários do setor, e fora ali que encontraram Dave, que de fato era genioso. No Bar Método, o point subaquático seis cliques abaixo do nível do mar, um dos mais quentes locais de encontro de motosurfistas do planeta, Dave "Cabuloso" encontrara alguns turistas que estavam abusando da hospitalidade das moças nativas.

— Eu tava que nem um cavaleiro de armadura, bróder. Fui até eles e mostrei o que acontece quando cê fica de fuleiragem com alguém de Santori.

E mostrou mesmo, mas as coisas saíram de controle, assim como Dave. Algumas garrafas quebradas depois, o bar estava coberto de sangue. Uma unidade médica teve que ser chamada para remover os corpos que Dave detonara. Na época, Dave era um motosurfista encenqueiro magricela e amarfanhado com longos dreads e tatuagens fluorescentes, o que o pessoal nas prisões da Supremacia chamava de "carne fresca". Quando foi condenado, um recrutador da Supremacia (admirando o tipo de temperamento que podia pôr tanta gente no hospital) lhe fez uma oferta: 10 anos de serviço leal ao Imperador Mengsk ou 40 anos de trabalhos forçados na prisão. A resposta que ele deu foi:

— Vou ter que cortar os dreads?

Embora aquilo doesse, teve que se livrar dos dreads e, em seguida, partiu para o treinamento. Vários tratamentos com esteroides depois, ele se viu nas linhas de frente da Guerra das Castas, com 22 quilos de músculo a mais e o vício em pôquer característico do Esquadrão Rho. Recrutados criminosos não tinham recreação, de forma que Scotty Bolger's e jogatina eram seus únicos alívios.

Ele sentia falta das ondas. Sentia saudades de cortar a face aberta de ondas cinzentas da altura de prédios, dos propulsores de íons da prancha empurrando-o mais e mais para o alto, e seus dreads, sentia falta dos dreads, balançando ao vento. Para tentar matar as saudades, mantinha uma barra de Parafina Mr. Snorgg's no armário e a cheirava durante suas horas de folga, sem se importar com o que Virgil ou Birch ou qualquer outro fosse dizer. Ele sabia que, se conseguisse aguentar, sobreviver por dez anos, o tempo voaria e logo ele estaria livre outra vez, cortando as ondas invernais de Santori.

Os zergnídeos pegaram Dave no quartel, depois que uma torre de sensores deu defeito e uma matilha deles fez uma investida insana à base de Seti. Dave estava tão bêbado que dormiu mesmo em meio ao barulho dos alarmes e do tiroteio de balas sônicas. Ele dormia enquanto os alienígenas rasgavam o portão de segurança e abriam caminho até o quartel. Dave dormia quando um dos zergs pulou em cima dele, sacudindo a cama com seu peso monstruoso.

Quando acordou, ele estava delirante, encarando os olhos da morte encarnada, um zergnídeo com um sorriso de gato de Cheshire abrindo a bocarra. Ele acordou a tempo de sentir a dor das grandes garras penetrando seu flanco de novo e de novo, e viu suas entranhas espirrando do ventre como seus dreads, cortados havia muito.

Virgil e Birch conseguiram atirar no zergnídeo enquanto este ainda estava em cima de Dave. Talvez houvesse alguma satisfação naquilo.

Virgil olhou para as duas sacolas pequenas que eram tudo o que ele levaria para começar sua nova vida como fazendeiro, pai, ou ambos. Todo o resto tinha sido jogado fora. Sozinho no pequeno apartamento, o silêncio era ensurdecedor. Cada vez que ele fechava os olhos, tudo o que via eram zergnídeos, hidraliscas e mutaliscas, notícias de carnificina e morte. Mas principalmente zergnídeos, pois era isso o que se via antes de tudo, e mais frequentemente.

Ele se assustou e abriu os olhos de súbito quando ela entrou pela porta da frente. Lágrimas desciam por seu rosto como veias longas e transparentes. Ela secou o nariz com a manga da camisa. Ele achou o gesto bonitinho.

— Ru, tá tudo bem?

— É que é difícil se despedir, só isso. Bem difícil. — Ele se levantou e passou o braço ao redor dela, e Ru sorriu. — Papai disse que vai tentar nos visitar quando as coisas se acalmarem um pouco. Talvez em um ano ou dois. Ele acha que pode usar uma identidade falsa pra isso. Eu... eu vou ver ele de novo.

— Você pegou as identidades?

Ela se libertou do abraço dele, assentindo e remexendo na bolsa. Tirou duas identidades holodigitais, do tipo que se usava em Shiloh, e entregou uma a ele. Virgil pressionou o pequeno botão e uma holoprojeção apareceu. Era o seu rosto, sim, mas não era o seu nome, nem os seus dados. A cabeça holográfica girava em 3D, mostrando todos os ângulos enquanto parágrafos de informação pessoal passavam ao lado. Ruffi viu a reação dele através da imagem, mordendo o lábio inferior, se perguntando como ele reagiria.

— Derek Dayton? — disse ele, finalmente. — Eu pareço um personagem de filme de super-herói.

— Bom, o meu é Jossie Thomas... Não é lá muito bonito... e parece que eu fiz logo estudos bioplasmáticos. — Ela apertou a identidade, e uma imagem holográfica da sua cabeça apareceu. — Meu voo sai em uma hora. O seu, em duas. Papai arranhou tudo para não levantar suspeitas. Disse que não é

para ninguém achar que já nos conhecemos antes de chegarmos ao destino. Disse para nos encontrarmos lá... talvez no estaleiro... e fingir que é a primeira vez que nos vemos.

— Vamos ter que fingir um monte a partir de agora, parece.

— Parece que sim... bom, tenho que ir, Virgil... — A risada de que ele tanto gostava voltou. — Quer dizer, Derek.

— Vem cá, Jossie. — Ele beijou a testa dela como sempre fazia. — Eu te amo. Você sabe disso.

— Sei, sim. — E ela o beijou nos lábios. Foi um beijo lento e longo, e, o que era mais importante, seus corpos se espremiavam um contra o outro. O que importava era sua intimidade. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ela o soltou. — Você vai no ônibus espacial 3801. Não atrase! Está havendo segurança extra por causa da ameaça zerg.

— O que eu faria sem você? — Ele sorriu.

— Não me pergunte. — Ela riu. Vejo você lá.

E assim, ela partiu, deixando o pequeno apartamento, deixando para sempre a vida antiga. Virgil sentou-se novamente e não fez nada. Encarou a parede suja por uma hora, sentindo a mente vazia pela primeira vez em anos. Depois de uma hora, ele se levantou, ergueu as malas e foi até a porta. Mas algo o deteve. Algo estava faltando. Ele pôs as malas no chão. Olhou novamente para o apartamento. Estava tão vazio agora. O sabor que fora a colagem da vida dela e da sua reunidas tinha se acabado. O lugar agora era um mero espaço simples, esquálido, uma paisagem estéril do que ficara no passado. Antes de partir, decidiu dar uma última passada de olhos pelo lugar, só para se certificar de que não esquecera nada.

Viu o objeto no segundo em que entrou no quarto. Lá, no criado-mudo, estava o dente de zergnídeo. Ele o pegou e passou o dedo contra o fio serrilhado. Ainda estava bastante afiado, e ele nem sentiu quando cortou a mão. Foi só quando notou o sangue escorrendo pelo braço que percebeu o corte minúsculo.

Os zergnídeos pegaram Birch quando invadiram a base terrana de Urona Sigma. Uma vez mais, os módulos de transporte se atrasaram, como parecia ser o costume.

Birch fora um astro da demolição durante seu ensino médio em Shiloh, um fissurado por mecânica automotiva que não entendia muito mais além disso. Demolição era um esporte particularmente brutal, o tipo que os pais sempre tentavam banir das escolas, mas sem muito sucesso. Assim como os motoristas de circuitos de demolição da Velha Terra, os jóqueis de demolição construíam os próprios veículos e os usavam para "detonar" os competidores. Era um tipo de "rei da mesa" a 190 quilômetros por hora sem mesa, só cascalho instável sob os pneus. O carro com maior número de "detonações" (que anda funcionasse) ganhava. Todo ano, dezenas de rapazes e uma ou outra moça eram hospitalizados com queimaduras, ossos quebrados e luxações; alguns morriam. Birch era o melhor. Sem comparação. Era tudo pelo que ele vivia. Sua vida fora da escola era passada com a mão no motor do carro que

estivesse construindo, sempre pensando em voltar à arena. Na escola, tinha o recorde de maior número de detonações e jamais fora hospitalizado por ferimentos. Por algum tempo, ele foi uma lenda.

Quando ele se formou, veio a depressão. Já não tinha a fama, a bajulação e a injeção semanal de adrenalina dos seus dias de colégio. Birch nunca conseguira notas muito altas, de forma que acabou indo trabalhar na única outra coisa para a qual demonstrava aptidão: mecânico. Depois de dois anos consertando carros, transportes e abutres, todas as animadoras de torcida que ainda se lembravam dos seus dias de glória tinham seguido adiante, para outros mundos ou outras vidas. Suas tentativas de voltar a treinar na escola não eram vistas com muito entusiasmo pela nova geração de fanáticos por carros — todos achavam que os recordes de Birch pareciam fáceis de quebrar. Dia após dia, sua semifama se tornava uma memória distante.

As equipes de demolição clandestinas eram organizadas pela máfia. Todo mundo sabia. Todos sabiam que trabalhar nisso envolvia partidas compradas, perda de controle financeiro e desonra. Birch podia sentir falta da adrenalina, do rugir dos motores, da vibração dos assentos desconfortáveis que ele comprava por serem baratos, do pico de pulsação cardíaca no peito quando o mundo se dissolvia e ele entrava em transe e acelerava na direção de um rival, mas não estava disposto a entregar seus recordes nas mãos de um chefe de máfia que talvez lhe pedisse para perder de vez em quando. Birch se orgulhava de ser bom naquilo, e não se imaginava abrindo mão de sua única habilidade.

Mas ele sentia falta da emoção. Sentia falta da ação, da incerteza dos momentos caóticos, sua concentração sendo a única coisa que fazia o mundo entrar em foco. Aquela concentração em meio à fúria e ao caos o fazia sentir-se vivo. Sem aquilo, ele teria começado a se sentir morto, redundante, outra pessoa. Foi uma propaganda holográfica dos Fuzileiros da Supremacia que o fisgou. Foi o som da voz inspiradora do Imperador Mengsk e as imagens de fuzileiros cobertos de novoço disparando rifles Gauss que o fizeram considerar abandonar Shiloh e se juntar aos Fuzileiros. Havia uma ameaça no universo, e talvez ele pudesse enfrentá-la.

Dias depois, estava no campo de treinamento em Turaxis II. No começo, devido ao seu passado, achava que seria designado como piloto de tanque ou de abutre, mas os Fuzileiros já tinham gente demais nessas posições. Eles precisavam era de soldados — recrutas, buchas de canhão.

Virgil Caine e Birch se deram bem imediatamente. Caine ganhou um comparsa leal para ajudar a executar suas ordens, e Birch ganhou um amigo de verdade pela primeira vez desde os dias de demolição. Eles conversavam até altas horas da noite secando garrafas de Scotty Bolger's, compartilhando coisas que apenas os vínculos criados em combate permitiriam. Caine se abria para o soldado mais jovem e lhe dizia que achava que jamais encontraria uma mulher para amá-lo, que era um homem do exército e que as mulheres, sendo intuitivas, percebiam aquilo. Birch fez o melhor que pôde para refutar aquelas ideias, mas ambos sabiam que havia um fundo de verdade nelas. Birch dizia a Caine que achava que jamais experimentaria novamente a sensação de orgulho e conquista que sentira em seus dias de escola e que aquilo o assustava bastante.

Quando os zergnídeos pegaram Birch, a base já tinha sido tomada e a maioria das estruturas ainda em pé estavam sendo consumidas pelas chamas, bombardeadas por mutaliscas sobrevoando do alto. Virgil e Birch corriam tão rápido quanto as armaduras CMC permitiam na direção do ponto de encontro. O comando dissera que havia módulos de transporte prontos para evacuação. O comando dizia um monte de coisas.

— Cadê a porra da evacuação? — Virgil gritou no comunicador enquanto uma explosão rasgava o chão ao seu lado.

— Ninguém responde — disse Birch, voltando-se e disparando às cegas. — Meu Deus — sussurrou ele, assustado. Nada no universo inspirava mais medo a um homem que a visão de um exército de zergnídeos tomando uma instalação. Havia centenas, pulando e atacando, rasgando homens e esfacelando os prédios. Eram legião, sobrepujavam a tudo e todos. Nada além de um mar biológico de roxos e marrons, garras e dentes. Um enxame de monstros de olhos vazios.

Birch continuou a disparar!

— Cessar fogo! — insistiu Virgil. — Continue andando, soldado. Você só está atraindo atenção pra nós... Essa batalha tá perdida. Vai, vai, vai!

— Porra, sargento, eu quero matar esses desgraçados!

— Andando!

— Pra quê? A equipe de evacuação deixou a gente, Virg; nenhum módulo de transporte tá vindo. É aqui que a gente morre.

— É uma ordem, Birch... não, espera, esquece. Faz isso por mim, pelo seu amigo. Não pela hierarquia! — Foi tudo o que Virgil precisou dizer. Birch parou de atirar e começou a correr sem um segundo de hesitação.

Momentos depois, dois módulos de transporte vieram do horizonte como um sinal de esperança rubra.

— Estão vindo... estão vindo.

— Anda!

Não demorou para que uma mutalisca notasse o veículos e começasse a segui-los. Os módulos se afastaram um do outro, cada um tentando fazer a mutalisca persegui-lo. Ela seguiu um deles e o outro módulo se aproximou do ponto de encontro, onde Virgil e Birch esperavam, agitando os braços. A escotilha do módulo de transporte se abriu, e uma voz feminina gritou lá de dentro: — Apertem os cintos, rapazes!

Justo quando os dois estavam prestes a embarcar, um grito agudo cortou os céus. Mas não era um zerg; era o som do outro módulo de transporte perdendo o controle, executando uma espiral em chamas, fumegando e se aproximando deles rapidamente. Sem um segundo para reagir, o módulo de transporte que estivera esperando por eles alçou voo, tentando escapar da explosão que se seguiria e deixando Virgil e Birch sozinhos à procura de abrigo.

BUUUUUUMM!

Quando o módulo de transporte bateu no chão, a terra tremeu. Chamas lamberam a superfície e se espalharam em faixas serpeantes pelo ponto de encontro. No alto, o módulo de transporte remanescente começou a voltar, procurando o melhor ângulo para evacuar Virgil e Birch.

Foi então que ouviram o som conhecido: um zumbido horrível, amplificado inúmeras vezes. Cem ou talvez quinhentos zergnídeos avançando ferozmente na direção deles.

— Corre, sargento! Porra, Virg, corre!

— Siga-me, Birch! É uma ordem.

Mas ele não o fez. Em vez disso, virou-se e encarou a multidão, apertando o gatilho o mais rápido e mais forte que podia até que, como uma enorme onda se chocando contra a costa, o enxame o atingiu com tanta força que ele caiu para trás e foi pisoteado como se jamais tivesse estado ali. Alguns pararam para fatiar seu corpo; outros se concentraram em Virgil, que ainda corria em direção ao módulo de transporte.

— Rápido, soldado, rápido! Não olhe pra trás! — Gritou a piloto.

Virgil correu, embora cada fibra do seu ser o fizesse querer olhar para trás, para tentar obter um último vislumbre do amigo, para ver se ele ainda estava vivo. Sabia que a ideia era ridícula, mas ainda tinha esperanças. Finalmente, chegou ao módulo de transporte e pulou para dentro.

Mas ele não estava sozinho! Um zergnídeo saltou enquanto a nave se afastava e prendeu-se ao trem de aterrissagem, içando-se antes de a escotilha se fechar.

— Praga! Aquele bicho tá entrando. — A piloto estava aterrorizada, dando tudo de si para tirar a nave da zona de fogo, e ainda mais amedrontada por ter um zerg vivo tão próximo dela. Zergnídeos eram assustadores do alto, mas de perto eram verdadeiros pesadelos vivos.

Virgil se encostou na armação de metal da nave. O zergnídeo conseguira entrar e, com velocidade incrível, se arremessou em sua direção com as garras estendidas para atacar!

Àquela distância, as balas sônicas do rifle de Virgil transformaram a cabeça do zergnídeo em carne moída dependurada, pouco mais que massinha de modelar sangrenta e dentada. Mas a coisa não parou. Continuou avançando e enterrou a garra no peito de Virgil, partindo a armadura CMC e rasgando a carne sob ela. Virgil gritou e a arma caiu de sua mão. O zergnídeo estava morrendo, mas ainda tinha consciência suficiente para puxar a garra outra vez e desferir um último golpe desesperado.

Foi então que ele agiu, combatendo as trevas que envolviam sua consciência devido à perda de sangue. Quando a garra desceu para mais um golpe, Virgil girou o punho e golpeou o que restava da cabeça do zergnídeo, esmigalhando seus dentes e repelindo-o. Com cada grama de força de vontade que ainda possuía, Virgil se arremessou para diante e socou com toda a força da armadura, e de novo e de novo e de novo, até que a criatura parou de se mover e ele tombou de lado. O mundo se dissolveu em trevas. A última coisa que ele se lembrava de ter visto antes de acordar no hospital era um dente quebrado de zergnídeo, apertado firme em sua manopla.

Birch estava morto. O Esquadrão Rho tinha sido obliterado durante o ataque à base. Virgil era o único que restara.

Depois de envolver a mão com ataduras, Virgil pôs o dente no pescoço e foi até a porta da frente. Ele sabia que devia deixar o item para trás, que nenhum fazendeiro a caminho de Shiloh levaria um colar de dente de zergnídeo, mas ele não conseguia jogar aquilo fora. Certificou-se de que o dente estava sob o colarinho, para que ninguém o visse. Mas sabia que ele estava lá.

As ruas estavam cheias de cidadãos em pânico correndo sabe-se lá para onde. Um repórter de holonotícias, 20 metros acima do solo, transmitia os eventos que aconteciam pelo sistema. Imagens mostravam o ataque interplanetário do Enxame se espalhando de planeta a planeta. Virgil tentou não olhar; tentou manter o rosto fixo à frente, concentrado.

Ao dobrar a esquina, ele viu um grupo de homens e mulheres aglomerados ao redor de um escritório de recrutamento da Supremacia. Havia duas filas, uma marcada NOVOS RECRUTAS e a outra, REALISTAMENTO DE SOLDADOS. Havia uma guerra em andamento, e os soldados estavam se alistando para lutar.

Virgil apressou os passos, tentando não olhar para os homens e mulheres que estavam se alistando, cumprindo seu dever.

Ele chegou à estação de traslado e sentou em um dos bancos, esperando o próximo transporte para o Estaleiro Sideral Kurtz. O painel dizia que o ônibus estava chegando. Era questão de minutos. Um dos monitores na parede oposta mostrava o noticiário da UNN. Ele viu o Imperador Mengsk em um pódio perto do General Warfield, um comandante lendário. Uma faixa de texto com atualizações em tempo real deslizava pela parte inferior da tela, e a contagem de corpos aumentava. Sentado ali em silêncio, Virgil tinha certeza de que conseguia ouvir o zumbido. Podia jurar que ouvira o guincho agudo de um zergnídeo e o pipocar de tiros se mesclando ao som de explosões. Fechou os olhos e viu o movimento de centenas de zergnídeos avançando em sua direção, como os que tinham matado Birch, Dave e Irmischer, além de tantos outros irmãos de armas caídos. Estava tudo em sua mente. Sempre estaria. Não havia escapatória. Abrindo os olhos, ele percebeu que era verdade.

Uma guinchada alta soou na esquina e o transporte chegou, flutuando um metro acima do chão. A onda de calor dos motores atingiu o rosto de Virgil. Ele olhou para cima. O motorista abriu a porta para que ele entrasse. Virgil apenas ficou sentado, ouvindo o ronronar do motor do ônibus. Lembrava-o do barulho que um Abutre fazia ao partir para a zona de combate.

— Ei, camarada, cê vai ficar aí o dia todo ou vai entrar?

Virgil encarou o homem por um longo momento. Por fim, levantou-se. — Não, senhor... desculpe. Eu só estava... descansando as pernas.

— Ah, vai pro cacete, seu zé ruela! Vai descansar as pernas em outro lugar, não numa estação de embarque... Mané! — O motorista acelerou e partiu.

Virgil voltou descendo o quarteirão.

Ao se aproximar do escritório de recrutamento da Supremacia, parou perto de uma lata de lixo. Virgil puxou a identidade forjada do bolso. A chave para uma vida diferente, longe de zergnídeos e do combate. Por um momento, imagens de Ruffi e dele juntos passaram por sua mente. Eram fazendeiros em Shiloh, tinham filhos lindos que corriam por toda parte, sorrindo; uma risada musical feita a da mãe. Projeções de uma vida que podia ter sido, uma vida estranha a um sargento fuzileiro quando havia uma guerra acontecendo.

Ele jogou a identidade falsa na lata de lixo e, metendo a mão sob o colarinho, puxou o dente de zergnídeo e o deixou à mostra por cima da camisa, exibindo-o altivamente para quem quisesse ver: uma insígnia de honra, sua medalha favorita.

Momentos depois, Virgil estava na fila, no edifício de recrutamento da Supremacia com o resto dos fuzileiros mais velhos que tinham encarado os zergs, homens que entendiam o que ele tinha visto, pelo que ele havia passado e como ele jamais seria igual àqueles que não tinham passado pelas mesmas experiências.

Fim